

A LINGUAGEM NÃO É INOCENTE

LANGUAGE IS NOT INNOCENT

EL LENGUAJE NO ES INOCENTE

TOM ANDERSEN

*Psiquiatra,
terapeuta sistêmico
Institute of Community
Medicine University of
Tromsø – Noruega*

RESUMO: Em torno ao conceito de círculo hermenêutico, associado aos filósofos Heidegger e Gadamer, que trata da conexão entre pré-conhecimento e experiência singular, o autor formula algumas ideias sobre a relação terapêutica. O ato da fala como informativo e formativo, e a importância das palavras e dos afetos a elas associados são algumas dessas ideias. Conclui com uma reflexão sobre a contribuição da linguagem técnica e as metáforas profissionais para a formação das pessoas; vê a linguagem profissional da patologia como opressiva.

ROSA MARIA BERGALLO (TRADUÇÃO)

ABSTRACT: Concerning the hermeneutic circle concept, associated to the German philosophers Heidegger and Gadamer, which subject deals with the connection between the pre-understanding and the local experience, the author formulates some ideas about the therapeutic relationship. The act of talking, while informative or formative, and the significance of words and emotions attached to them are some of these ideas. He concludes with reflection on the contribution of technical languages and professional metaphors in personal shaping; he considers the professional language of pathology as oppressive.

RESUMEN: En torno al concepto de círculo hermenéutico, asociado a los filósofos Heidegger y Gadamer, que trata de la conexión entre el preconocimiento y la experiencia singular, el autor formula algunas ideas sobre la relación terapéutica. El acto de habla como informativo y formativo, y la importancia de las palabras y los afectos asociados a ellas son algunas de estas ideas. Se concluye con una reflexión sobre el aporte del lenguaje técnico y las metáforas profesionales a la formación de personas; ve el lenguaje profesional de la patología como opresivo.

Este texto foi apresentado pelo autor em plenária na 6th *World Family Therapy Conference* (Budapeste, 20 de agosto de 1980). Foi publicado na revista *Nova Perspectiva Sistêmica* impressa nº 7 (1995) e nº 23 (2004). Dada sua importância e atualidade, voltamos a publicá-lo nesta edição na seção Fronteiras, em formato impresso e digital.

Em primeiro lugar mencionarei brevemente o Círculo Hermenêutico, um conceito geralmente relacionado aos dois filósofos alemães Martin Heidegger e Hans Georg Gadamer. Este conceito contém basicamente a ideia de que vivemos vidas dentro de estruturas de vida que já vivemos. Heidegger diz que a vida, ou usando suas palavras, o “estar no mundo”, é uma constante busca de significados de como a pessoa pode entender a si própria e ao meio que a cerca. Portanto, o que viermos a entender irá influenciar a maneira de nos relacionarmos com o meio que nos cerca, e não somente com as pessoas que aí estão.

O que vemos e ouvimos está mais relacionado ainda com o que buscamos e prestamos atenção. Não vemos aquilo que não buscamos e não ouvimos aquilo que não prestamos atenção. Sendo a vida tão rica e plena, há sempre, em qualquer situação, muito mais a se ver e a se ouvir do que somos capazes. Assim, podemos captar um significado do que está acontecendo temos que realmente selecionar o que buscar e ao que dirigir nossa atenção. Neste ato de criar o significado desempenhamos um ato de simplificação. Desempenhamos este ato de simplificação tanto como pessoas comuns quanto como terapeutas e cientistas. Portanto também escolhemos o que **não** devemos buscar ou prestar atenção.

Gadamer diz que este ato de simplificação, isto é, o que incluímos e o que excluímos, é governado pelos nossos preconceitos. Fazemos uma escolha *a priori*, estando mais ou menos conscientes dela, daquilo que valha a pena ver ou prestar atenção.

A principal questão aqui é o fato de sermos preconceituosos. Não podemos **não** o ser. Heidegger usa uma outra palavra para preconceito, que é pré-conhecimento. Essas suposições básicas sobre o que devemos prestar a atenção e com essa atenção deve ser prestada são formuladas e reformuladas pela maneira como vivemos nossas vidas. Como nossas vidas diferem muito umas das outras, provavelmente acabaremos tendo pré-conhecimentos diferentes. O que viermos a conhecer será mais ligado a pessoa e menos geral do que gostaríamos que fosse. Pelo menos é essa minha maneira de entender esse aspecto.

No entanto, quando tivermos que compreender alguma coisa específica, teríamos a possibilidade de ver e ouvir algo que nunca havíamos visto ou ouvido antes. Esta nova experiência poderia realimentar nosso pré-conhecimento de dar-lhe uma nova *nuance* ou até mesmo mudá-lo. Esta relação circular entre o pré-conhecimento mais geral e a experiência singular é chamada de círculo hermenêutico.

Nossos preconceitos são formados pela maneira como vivemos nossas vidas.

Existem pessoas que pautam suas vidas pelo que lêem em livros e teorias, e permanecem a sombra daqueles que são reconhecidos por saberem mais, tanto como clínicos quanto como cientistas. Como isso acontece muito freqüentemente, diria que esse tipo de vida se situa no convencional.

Pessoalmente acho mais compensador sair do fluxo convencional e ir para as margens. Assim, o que farei hoje é falar posicionado das margens; sobre prática e suposições em vez de método ou técnica e teoria. La existe muita liberdade, mas também solidão, e o medo vêm com a solidão.

PROCESSOS REFLEXIVOS

Muitos sentimentos desconfortáveis seguiram-se às tentativas de atuar como terapeuta; saber sobre que falar e sobre como fazê-lo e até mesmo ensinar aos clientes como deveriam viver suas vidas. Esses ideais terapêuticos facilmente poriam o terapeuta no topo de uma relação hierárquica. E dentro de uma relação hierárquica os significados seriam logo classificados como melhores ou piores úteis ou inúteis sensatos ou insensatos etc. Comigo, pelo menos aconteceu isso quando tentei ser um terapeuta que deveria saber e dizer o que era melhor. As intervenções apresentadas costumavam conter ideias “melhores” do que aquelas que as próprias famílias tinham. Quando as famílias ousaram falar com franqueza e defender suas idéias, surgiram os conflitos entre elas e nós, do tipo “ou estamos errados ou estão vocês”.

Os processos reflexivos tornaram-se uma solução para o desconforto hierárquico. O fato de deixarmos que nossas idéias sobre as famílias deixavam que as suas também viessem, nos colocou num plano de maior igualdade. As tendências hierárquicas do tipo — ou um ou outro — diminuíram e pudemos nos inserir na composição — tanto um quanto outro.

Desnecessário dizer que chegamos a um ponto no qual os clientes e nós trabalhávamos **em conjunto**. As duas partes tinham uma influência significativa; a deles era baseada em suas próprias experiências singulares e a nossa proveniente de nossas experiências gerais no convívio com os clientes. As intervenções e as soluções dos problemas não representam mais o enfoque principal dos trabalhos, a menos que os clientes as peçam. As conversas que temos juntos parecem revelar a alternativa que os próprios clientes acham útil, uma maneira alternativa de estar-no-mundo.

FALAS EXTERNAS E INTERNAS

Os processos reflexivos podem estar descritos como trocas entre falar com os outros sobre vários assuntos e o sentar e escutar os outros falarem sobre os mesmos assuntos. A fala com os outros é uma fala externa, e aquela a pessoa tem consigo mesma (quando escutando a fala dos outros) é uma fala interna. Estes dois tipos de fala parecem tratar o mesmo assunto de uma maneira diferente. O que acontece na fala externa será uma perspectiva para a fala interna e vice-versa. Segundo a suposição de Gregory Bateson (1980), perspectivas múltiplas sobre o mesmo assunto criarão novas ideias e significados.

ESTAR NO MUNDO É ESTAR-NA-LINGUAGEM E ESTAR NA LINGUAGEM É ESTAR-NAS-CONVERSAÇÕES

Seguindo o outro

Estar nas conversações abertas e estar em uma perspectiva que inclui várias vozes torna mais natural seguir o cliente. **Literalmente seguir o cliente**. Dá-se ao cliente a liberdade de decidir sobre o que falar, de que maneira e o tempo que for necessário. Os clientes que falam sem serem perturbados nem interrompidos, quase sempre irão começar e fazer uma pausa, recomeçar e parar, e recomeçar novamente para encontrar melhores palavras e expressões. A fala pode ser percebida como uma busca das melhores palavras, feita pela pessoa através da linguagem, para proferir aquilo que deseja proferir.

A pessoa que escuta (o profissional) e que segue aquela que fala (o cliente), não somente ouvindo a palavra, mas também vendo como elas são proferidas, notara que cada uma delas toma parte no movimento do corpo. As palavras faladas e a atividade do corpo vêm juntas, formando uma unidade.

As palavras nos tocam e nos movem

O ouvinte que vê, tanto quanto ouve, percebera que as diversas palavras faladas “tocam” a pessoa que fala, de maneira diferente. A pessoa que fala é ela própria afetada pelas palavras quando estas chegam aos seus ouvidos. Algumas palavras tocam aquele que fala tão intensamente, que o ouvinte pode ver o movimento de quem fala. Algumas vezes esses movimentos são pequenos e outras vezes maiores. O ouvinte pode notar uma mudança na fisionomia, na expressão do olhar, um movimento na cadeira, uma tosse etc. Essas são as palavras que me interessam em particular.

Um exemplo pode esclarecer esse ponto. Uma mulher, que por um longo tempo sentiu-se triste, contou que ela nunca pode pedir ajuda. Mesmo quando estava doente não o podia fazer. A ajuda tinha que vir da parte dos outros, e não pedida por ela. “Porque”, disse ela, “Independência era a palavra da família. Nós deveríamos ser independentes”. Uma mudança em sua fisionomia e uma mudança no tom da sua voz quando ela proferiu a palavra “*independente*” indicaram o forte significado da palavra. Quando perguntamos: “se você analisasse essa palavra independência, o que veria nela?”. Disse primeiro que não gostava muito da palavra. Quando perguntamos o que via nela de que não gostava, cobriu o rosto com as mãos e disse chorando: “é muito difícil para mim falar de solidão... é isso, significa ficar sozinha”. Quando contou como tinha sido difícil ficar sozinha para corresponder a todas as expectativas de ser independente, chorou e seu corpo encolheu-se com resignação. Falou por um longo tempo sem ser interrompida e começou a pensar se deveria continuar a corresponder a essas expectativas. Ficando envolvida cada vez mais intensamente com sua própria discussão, levantou a voz, endireitou os ombros e a cabeça e foi falando com mais raiva enquanto contestava veementemente a idéia de estar-no-mundo independente. Perguntamos como sua mãe analisaria a palavra e ela respondeu que significando força, como também seu pai, mas um outro tipo de força. Já sua irmã e avó a analisariam da mesma forma que ela.

As respostas para esse tipo de perguntas me ensinam que sempre existam emoções nas palavras, existem outras palavras dentro das palavras, algumas vezes sons e músicas nelas, algumas vezes histórias completas, algumas vezes vidas inteiras.

ALGUMAS SUPOSIÇÕES

Estamos inseridos nos movimentos, nos sentimentos e na linguagem. Eu costumava pensar que tínhamos movimentos, sentimentos e a linguagem dentro de nós. Conversas do tipo acima referido me fizeram pensar de maneira oposta. Nós é que estamos *inseridos* neles; nos movimentos, nos sentimentos e linguagem. Não os modelamos, eles nos modelam. Da maneira como o interpreto, o austríaco Ludwig Wittgenstein defende essa suposição. Em um nível mais amplo, poderíamos dizer que os organizadores desta conferência, sob a liderança da Csaba Ratay, tiveram a percepção de como os dialetos, as músicas e as danças folclóricas e o folclore no qual estamos *inseridos* têm um efeito profundo sobre nós.

FALAR É INFORMADOR E FORMADOR

O falar tem uma parte informadora uma vez que tanto o *self* da pessoa quanto os outros ouvem o que ele/ela está pensando.

O falar também tem um aspecto formador já que a pessoa buscando através da linguagem chega a um significado. Quando uma pessoa efetua essa busca, ela ou ele não somente forma um significado, mas forma, naquele momento, o seu estar-no-mundo. Suponho que o falar é uma atividade corporal, o corpo inteiro é modelado ou remodelado no momento do proferimento. Esta suposição já foi veiculada por muitos outros, como o alemão Hans Georg Gadamer, Ludwig Wittgenstein, o russo Mikhail Bakhtin. A linguagem e as palavras são como mãos que buscam algo; poderíamos dizer que a linguagem é um órgão do sentido.

Mas as palavras são mais do que isso.

Como uma mãe que agarra e segura, as palavras captam e guardam os significados. Assim, [as palavras influenciam] os significados a que chegamos.

As palavras não são inocentes.

Costumávamos, ou melhor, dizendo, eu costumava ter em mente que o pensamento vem primeiro, e é então transmitido aos outros por meio das palavras.

Agora penso diferente. Buscamos as palavras para encontrar o pensamento. Como nosso amigo e colega Harry Goolishian costumava dizer: “não sabemos o que pensamos antes de o dizermos”.

Se alguém aceita esta suposição, torna-se crucial perguntar: através de qual linguagem deve a pessoa buscar as palavras para formar-se a si própria? O que aconteceu se nós, os profissionais, reivindicarmos que as falas terapêuticas sejam feitas em nossa linguagem e em nossas metáforas profissionais? O que aconteceu se essa linguagem profissional for, digamos, baseada no “déficit” ou na incompetência, uma linguagem que inclui palavras que descrevem falhas e imperfeições? Que tipos de pessoas são formadas assim? O psicólogo americano Kenneth Gergen preocupava-se com esse assunto. Apoio convictamente a sua preocupação. Harry Goolishian, justamente com sua colega Harlene Anderson, organizou uma conferência sobre estes temas em San Antonio, Texas, pouco antes de morrer em 1991. Na Participação da conferência lia-se o seguinte:

O tema central dessa conferência será a exploração do conceito wittgensteiniano de que aos limites da realidade possível de ser conhecida são determinados pela linguagem de que podemos dispor para descrevê-la. Este tema nos permitirá dialogar sobre as implicações da “linguagem deficiência” no campo da saúde mental e o efeito que suas palavras produzem em nosso trabalho teórico, clínico e de pesquisa. Este tema também abordará a distinção pragmática a ser feita entre os conceitos do construtivismo e construcionismo social. Temos a impressão de que ao longo do último século do movimento relativo à saúde mental contribuimos com milhares de palavras para o vocabulário mundial. Infelizmente, a maior parte dessas palavras, que foram fornecidas e construídas reflete certo sentido de deficiência. Parece que a linguagem-deficiência criou, de muitas maneiras, uma realidade psicológica e teórica que pode ser descrita metaforicamente como um buraco negro cuja saída é muito limitada para uma significativa atividade clínica e de pesquisa...

Minha posição é de que as palavras na linguagem da patologia são restritivas.

Elas são opressivas. O que me faz pensar que a psicoterapia na linguagem profissional da patologia é opressiva. E já me referi também ao fato de estar envolvido com este assunto. Critico a linguagem da patologia e tecniciza a pessoa, fazendo dela uma coisa estática.

Ninguém é estático. É a nossa fala sobre a pessoa que a faz parecer estática.

Darei dois exemplos.

Não é incomum falar desta maneira: "...ele é resistente", ou até "... ele tem a característica da resistência". Nas margens preferimos praticar a linguagem de forma diferente e diríamos: "...ele resiste". Por isso pergunto: "o que o faz resistir?" O que poderia me levar a pensar que fui eu quem disse ou fiz alguma coisa da qual ele não gostou e, portanto, resistiu. E, uma vez acreditando ser eu a única pessoa no mundo a quem mudar, deveria, de preferência, fazer ou dizer algo diferente, ao qual ele não teria que resistir.

Acontece também, frequentemente, descrever-se uma pessoa como deprimida ou tendo uma depressão. Esta prática da linguagem constrói uma compreensão particular da pessoa e essa compreensão contribui para o nosso relacionamento com ela. De preferência porque não deixar que ela encontre suas próprias palavras, que muito provavelmente seriam: "estou triste". Se lhe perguntássemos o que diz em suas falas internas com ela própria, saberíamos que estas falas estão repletas de palavras acusadoras: "...você não é suficientemente generosa", ou "você não é suficientemente boa". Um monólogo de acusação. Poderíamos então discutir com a pessoa se não haveria espaço para uma voz interna que falasse palavras mais amigas.

Espero sinceramente que aqueles com quem tivemos encontros como terapeutas ou pesquisadores possam estar-no-mundo falando sua própria linguagem e criando suas próprias imagens.

REFERÊNCIAS

- Andersen, T.** (1987). The Reflectin Team: Dialogue and Meta-Dialogue in Clinical Work. *Family Process*, v. 26, n° 4, p. 415-428.
- Andersen, T.** (1991). *The Reflecting Team: Dialogues and Dialogues About Dialogues*. New York: WW Norton.
- Andersen, T.** (1992). Relationship, Language and Pre-Understanding in the Reflecting Process. *The Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, v. 13, n° 2, p. 87-91.
- Andersen, T.** (1993). See and Hear, and Be Seen And Heard. In Friedman, S. (org) *The New Language of Change*. Now York: Guilford.
- Bakhtin, M. M.** (1993). *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press.
- Bateson, G.** (1980). *Mind and Nature: a Necessary Unity*. New York: Bantam.
- Gergen, K. J.** (1990) Therapeutic Professions and the Diffusions of deficit. *The Journal of Mind and Behavior*, 11 (3 e 5), p. 353 (107) – 368 (122).
- Grayling, A. C.** (1988). *Wittgenstein*. Oxford, New York: Past Masters / Oxford University Press.
- Shotter, J.** (1993). *Cultural Politics Of Everyday Life*. Buckingham: Opens University Press.
- Wachthausen, B. R.** (1986). History and Language in Understanding. In Wachthausen, B. R. (org) *Hermeneutics and Modern Philosophy*. Albany, NY: State University of New York Press.
- Warncke, G. G.** (1987). *Hermeneutics, Tradition and Reason*. Stanford, CA: Stanford University Press.